



Opinião Econômica

Solange Srouf

Diretora de macroeconomia para o Brasil
no UBS Global Wealth Management



Inteligência artificial, juros e o novo Fed

Warsh diz que IA alivia inflação, mas isso não dá necessariamente margem para cortar juro

A escolha de Kevin Warsh para comandar o Fed reacendeu um debate relevante: até que ponto a IA pode funcionar como um vetor estrutural de desinflação e influenciar a condução da política monetária?

Em pronunciamentos recentes, Warsh tem defendido que a IA representa um choque positivo de produtividade, capaz de elevar a eficiência e reduzir custos. À primeira vista, esse conjunto de fatores parece sugerir um ambiente mais benigno para a inflação e, consequentemente, para os juros.

A ideia de que o banco central deveria “apostar” em ganhos de produtividade ainda invisíveis para suavizar o peso dos dados correntes, como emprego e infla-

ção, acaba relativizando o papel central da evidência empírica que sustenta a atuação da autoridade monetária. Concluir que a política monetária poderia se tornar estruturalmente mais frouxa com base nessa hipótese é, no mínimo, precipitado.

Um ponto fundamental, e frequentemente negligenciado, é que inflação e taxa de juros de equilíbrio não respondem aos mesmos “motores”. O juro neutro, aquele compatível com crescimento sustentável e inflação na meta, é definido pelo equilíbrio intertemporal entre poupança e investimento. Quando a produtividade avança de forma persistente, a economia não apenas cresce mais; ela passa a oferecer mais oportunidades de investi-

mento rentáveis. Isso eleva o retorno esperado, a demanda por financiamento e, como consequência, o juro real de equilíbrio.

É justamente aí que a IA gera efeito ambíguo para a política monetária. Ela pode, sim, aliviar pressões inflacionárias. Mas, ao mesmo tempo, tem o poder de estimular a expansão de investimentos em infraestrutura, data centers e capacitação de trabalhadores. Esse movimento não necessariamente empurra os juros para baixo e pode, em alguns casos, tornar-se fonte de pressão altista.

O Fed pode cortar juros ao longo do ciclo se a inflação permitir, mas isso não significa um retorno ao regime de juros estruturalmente mais baixos da década

passada. Se o crescimento potencial da economia é maior, o juro neutro também será.

Há ainda dois outros pontos mal colocados nesse debate. Warsh costuma recorrer à sua analogia preferida com os anos 1990, no início da internet, quando o então presidente do Fed, Alan Greenspan, decidiu não reagir preventivamente à expansão acelerada da economia, apostando em ganhos de produtividade.

De fato, a inflação permaneceu bem comportada por um período prolongado. No entanto, a experiência posterior - marcada pelo estouro da bolha da internet - evidenciou que a ausência de pressões inflacionárias não equivale à ausência de vulnerabilidades. Mesmo em ambientes de

inflação estável, desequilíbrios podem se acumular em preços de ativos, crédito e alavancagem. A lição não é que ganhos tecnológicos sejam irrelevantes, mas que riscos financeiros não podem ser negligenciados.

O segundo ponto é que, caso a difusão da IA provoque deslocamentos no mercado de trabalho, juros mais baixos não resolvem o problema. O desemprego decorrente da automação não é cíclico, mas estrutural. Reduzir juros não ensina novas competências, não requalifica trabalhadores e não altera a natureza das vagas geradas pelo avanço tecnológico. Misturar esses canais pode ser contraproducente.

A IA pode até atuar como força desinflacionária relevante. Isso, porém, não implica um regime de juros estruturalmente mais baixos nem autoriza o banco central a substituir evidências por suposições.



Taxa única:
o upgrade que sua
conversão precisava.

Banri Global Account com IOF e Spread unificados
é mais dinheiro na conversão da moeda.

USD • EUR • GBP • CAD • AUD



Cesta de alimentos fica mais barata no RS em janeiro

/ INFLAÇÃO

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A cesta de alimentos está mais barata no Rio Grande do Sul em janeiro de 2026 em relação aos doze meses anteriores, com uma queda de 1,54% no valor dos itens. Na comparação com o mês anterior, os preços caíram 0,48%. Entre os consumidores, a redução dos preços impactou principalmente as famílias com os menores salários. As informações são do boletim Preços Dinâmicos, produzido pela Receita Estadual com base nas notas fiscais eletrônicas emitidas em solo gaúcho.

A variação afetou mais alguns produtos do que outros. E, entre os principais “vilões” da inflação, destacam-se alguns itens menos consumidos pela população de baixa renda, como o mamão e o chocolate em tablete. Já os maiores percentuais de deflação foram registrados em alguns dos alimentos mais consumidos por essa classe

social, inclusive a coxa de frango e o arroz. É esse fator que explica o impacto maior entre os menos abastados, conforme analisa o subsecretário adjunto da Receita Estadual do Rio Grande do Sul, Giovanni Padilha.

Ele destaca, ainda, a relevância do indicador, que é uma novidade no boletim, sendo calculado por um cruzamento de dados com a Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE. “É uma informação inédita. No nosso boletim, mostra a média estadual, mas na plataforma, que é de acesso público, é possível filtrar por região e ver qual foi a queda ou o aumento dos preços para cada estrato de renda. Isso é muito importante para políticas públicas, em geral”, avaliou.

É possível também observar que há variações entre os preços da cesta de alimentos em cada Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede), sistema utilizado pelo governo estadual desde 1994 para dividir as regiões gaúchas e orientar políticas públicas. Um dos principais indicadores observados

Alimentos com as maiores variações

Ficaram mais caros

Vagem ↑ 51,51%

Mamão ↑ 37,42%

Chuchu ↑ 74,13%

Tomate ↑ 54,53%

Moranga ↑ 32,29%

Ficaram mais baratos

Azeite de oliva ↓ 28,39%

Coxa de frango ↓ 28,85%

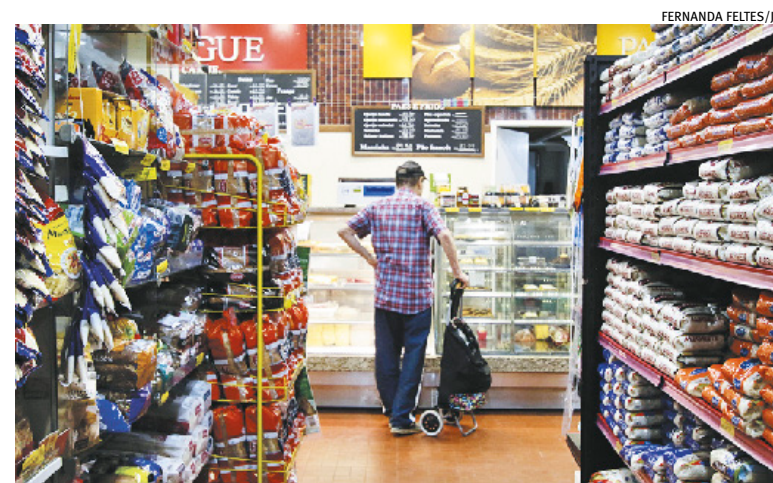
Laranja ↓ 35,79%

Feijão preto ↓ 36,03%

Arroz branco ↓ 43,96%

em janeiro na comparação com os doze meses anteriores está no Litoral Norte: lá, os preços sobem intensamente na alta temporada, ficando ainda mais caros do que na região das Hortênsias, que costuma liderar o ranking dos valores.

Essa divisão auxilia também a traçar diferenças entre as porções do território gaúcho. Fronteira Oeste e Campanha, por exemplo, com um menor consumo pela



Queda registrada no 1º mês do ano foi de 1,54% ante os 12 meses anteriores

população em virtude da desigualdade social local, costumam ter alimentos mais baratos. Já a Serra Gaúcha opera de maneira inversamente proporcional, com uma maior renda média e maiores preços.

Essas variações regionais têm diversos motivos. “A estrutura logística tende a encarecer. As regiões mais pobres tendem a pagar mais do que as que têm boa distribuição. Por outro lado, a renda baixa e a baixa capacidade de consumo puxa o preço para baixo. En-

tão, a combinação de cada região depende de ter ou não uma boa logística e uma renda alta ou baixa. Isso gera um mosaico e uma série de combinações”, explica Padilha.

Conforme o representante da Receita Estadual, é importante ressaltar que a pesquisa não mede apenas itens da cesta básica. A terminologia cesta de alimentos é utilizada para designar todos os alimentos e bebidas, incluindo itens que não são considerados básicos, como bolachas recheadas, achocolatados e bebidas alcoólicas.